

Novo PMDB faz críticas a Ulysses

Grupo acha que presidente terá que optar entre eles ou o *Centrão*

— O Ulysses agora vai ter que optar entre nós, os progressistas, ou o Centrão — dizia, cigarro enfiado em longa piteira, no canto da boca, o deputado Francisco Pinto (BA), um dos líderes do grupo neodissidente do PMDB e redator do manifesto lançado às 15 horas de ontem no gabinete do senador Severo Gomes (SP), reafirmando a disposição daquela corrente de bater chapa na convenção nacional do dia 21 de agosto.

“O PMDB, antes um partido altivo, independente, bravo, intérprete e expressão das aspirações populares, converteu-se no partido anestesiado, morno, sem garra, sem defensores explícitos. Discutir e decidir, politicamente, passou a ser assunto proibido nos órgãos nacionais de decisão partidária”, sustenta o manifesto assinado por 94 parlamentares e que conta com o apoio de sete governadores.

O manifesto redigido por Chico Pinto, por sinal um dos fundadores do grupo autêntico do antigo MDB, começa afirmando que “a história do PMDB foi toda ela escrita com as tintas das dificuldades e as cores do sofrimento”. Conta que sua primeira tarefa foi, quando ainda MDB, arcando com o ônus de ter sido criado na vigência dos Atos Institucionais, “a de espantar as desconfianças de sua origem e adquirir a credibilidade popular”.

O documento faz um histórico dos primeiros tempos de vida do partido, durante o regime autoritário até 1970, quando elegeu apenas 87 deputados contra mais de duas centenas do partido do governo, assim como destaca a ressurreição em 74, quando fez 16 de 22 senadores eleitos.

“E foi assim, em meio ao suplício, sangrando os pés na árdua caminhada, que o MDB se firmou combatendo, denunciando e propondo soluções para o futuro deste País. Ora crescendo, ora definhando”, sustenta o manifesto ao retratar a trajetória desse partido desde a sua fundação, logo depois do golpe de 64.

“O sistema dominante

demonstrou que ainda tinha fôlego e força para barrar provisoriamente aquele avanço. E assim o fez. Dissolveu os partidos existentes — MDB e Arena — como o fizera, em 1965, com todos os partidos nacionais. Mas, o MDB não morreu. Das cinzas reergueu-se no PMDB. O regime, prevendo a aliança dos partidos oposicionistas, proibiu através de legislação casuística e imoral as coligações e reintroduziu a sublegenda e o voto vinculado na legislação imposta”, assinala o manifesto.

Em seguida, lembra que o PMDB, que surgiu como um partido de centro-esquerda, teve, ao longo de sua trajetória, sua composição ideológica alterada. Era o preço da transição. “O uso desvairado e continuado da violência, a prática de uma política entreguista, o descaso pela sorte dos trabalhadores e a institucionalização da corrupção revoltavam muitos liberais que ainda apoiavam o governo. O PMDB passou a ser o estuário dos inconformados, mas, também passou a abrigar toda sorte de arrivistas e reacionários. Com suas portas escancaradas, o PMDB arcou com as consequências das novas adesões e, até hoje, somente recusou uma filiação: a do atual prefeito de São Paulo”, acentua, ainda.

O documento critica ostensivamente a direção partidária (leia-se Ulysses Guimarães).

“Com a redemocratização do País e a obtenção da mais ampla liberdade partidária, que foi uma conquista do PMDB, todos os que nele se abrigaram, provisoriamente, criaram seus partidos. Os que nele ficaram, ou a ele se filiaram, assumiram compromisso de exercer e honrar seu programa. Mas, os que faltam a esse compromisso contam com a complacência da direção partidária”, observa.

O PMDB lutou e adquiriu o direito de utilizar rádio e televisão para defender o seu programa e colocar suas posições políticas, além do horário gratuito que a legislação eleitoral

lhe assegura. Esta sua conquista, porém, que beneficia a todos os partidos, não é usada pelo PMDB que, em toda sua existência, só ocupou a TV uma vez, por descaso, omissão e desinteresse da direção partidária”, registra o manifesto.

Afirma, ainda, que um grupo de parlamentares — o Centrão — resolveu afrontar a decisão de seu órgão máximo (a convenção) apoiando a sua conduta em outra máxima: “É dando que se recebe”, ganhando assim o galhardão de partido fisiológico, semelhante à Arena no passado. Sustenta que esta crítica que procura atingir a todos “é totalmente injusta”.

O documento conclama os correligionários do PMDB para que se unam nesta batalha em prol do novo PMDB, “que se revele na composição de uma chapa identificada com os princípios e as lutas que fizeram do PMDB a grande expressão dos anseios populares”. Reclama a constituição de uma Comissão de Ética, uma direção descentralizada e moderna, que fixe normas na adoção de prévias para indicação de candidatos às eleições majoritárias e que adapte o programa “à realidade em que vivemos”.

“Queremos e aceitamos travar a guerra que o Centrão declarou ao povo, com os seus votos na Constituinte. E nossa vitória servirá para fazer do PMDB um partido que sustente a luta pela transformação das estruturas políticas, econômicas e sociais deste País”, promete o manifesto ontem lançado com a presença de mais de duas dezenas de parlamentares no gabinete do senador Severo Gomes.

Seus líderes, entre os quais Francisco Pinto, Severo Gomes, Hélio Duque, José Fogaça, Miro Teixeira, sustentam que ou o governo aplica as políticas do partido ou este rompe com o governo. O grupo pretende editar vinte mil exemplares do manifesto para distribuir com as bases partidárias (os militantes), os deputados estaduais e vereadores.

Jereissati e Mello aderem hoje

Dois governadores devem anunciar oficialmente a partir de hoje sua adesão ao movimento que vem articulando a chapa Novo PMDB, congregando as forças de centro-esquerda do partido. O governador do Ceará, Tasso Jereissati, e do Rio Grande do Norte, Geraldo Mello, almoçam hoje, no Palácio das Princesas, em Recife, com os governadores Miguel Arraes (Pernambuco), Moreira Franco (Rio de Janeiro) e Pedro Simon (Rio Grande do Sul), para negociar o fortalecimento da chapa.

A adesão de Jereissati vai trazer problemas ao grupo conservador, que prepara uma outra chapa para enfrentar a Novo PMDB, na convenção nacional do partido, em 21 de agosto próximo. O governador cearense buscará arregimentar ao movimento de centro-esquerda a maioria dos convencionais do PMDB do Ceará. No entanto, parlamentares como os deputados cearenses Ubiratan Spinelli e Expedito Machado — que lideram o grupo conservador Centro Democrático — não serão aceitos pelos coordenado-

res do grupo que vem articulando a chapa Novo PMDB.

Arraes revelou a presença de Jereissati e Mello em Recife, para ingressarem no movimento, ao deputado Francisco Pinto (PMDB-BA), por telefone, ontem, por volta das 12 horas. Segundo o deputado, o governador pernambucano mostrava-se eufórico com o crescimento do movimento. Miguel Arraes declarou a Pinto que considerava que a articulação de centro-esquerda peemedebista estava “indo muito bem”.

O governador de Pernambuco indagou qual o nome que estava sendo escolhido para encabeçar a chapa Novo PMDB. Pinto lhe respondeu que nada fora definido ainda, mas que se estava analisando a situação. O parlamentar da Bahia colocou Arraes a par também dos últimos acontecimentos políticos em Brasília, as articulações do grupo conservador, e o que o deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB, estava articulando para enfrentar o movimento da centro-esquerda.

Pinto argumentou que a criação da Novo PMDB deu novo alento à vida partidária. “Nós conseguimos segurar uns 30 parlamentares peemedebistas que já estavam de malas prontas para deixar o partido em várias direções” — declarou. Alertou, porém, que na hipótese da centro-esquerda vir a ser derrotada na convenção — probabilidade que considera muito remota —, “a debandada vai ser geral”. O deputado baiano acentuou que, até ontem, sete governadores estavam comprometidos com o movimento: Arraes, Simon, Moreira, Pedro Ivo (Santa Catarina), Max Mauro (Espírito Santo), Waldyr Pires (Bahia) e Carlos Bezerra (Mato Grosso). Acredita que a maioria dos 948 convencionais, que vai participar da convenção nacional, já está comprometida com o Novo PMDB. Ele revelou que em conversa mantida no último sábado em São Paulo, o governador paulista, Orestes Quéricia, mostrou-se sensibilizado com a articulação de centro-esquerda. O vice-governador de São Paulo, Almino Afonso, já aderiu ao movimento.